

**Título:** Juventude, laços sociais e processos de subjetivação

**Mesa 5:** Construcción y deconstrucción de las categorías de la niñez y la juventud: contextos culturales, subjetividades emergentes y posibilidades de democratización intergeneracionales.

**Autores:** Cláudia Braga de Andrade<sup>1</sup> & Taciana Sene Lúcio<sup>2</sup>

Atualmente temos nos defrontado com uma marcante vulnerabilidade do público juvenil tendo havido nas últimas décadas um expressivo aumento do índice de violência entre jovens e um crescente consumo de álcool e drogas neste segmento. Outro fato significativo se refere a representações do ‘sujeito jovem’ na contemporaneidade, pois apontam para uma transformação do papel do jovem na sociedade tanto na ordem simbólica, como econômica, social e cultural que vem afetando diretamente as formas de subjetivação e a construção de laço social. Estudos no campo das ciências sociais apontam uma mudança estrutural nas sociedades atuais, enfatizando a descontinuidade, a ruptura e a fragmentação, nas quais as formas de sociabilidade não são identificadas por laços estáveis, mas por sua inconstância (Bauman, 2001). A falta de referentes simbólicos culturais produzidos na sociedade contemporânea promove o sentimento de não-pertencimento, de não-filiação e a vertente principal desta precariedade da construção subjetiva dos jovens aparece na identificação subjetiva com a violência (Kehl, 2011).

Nesta nova cartografia social aparece a crise das instituições modernas e da autoridade. No campo da psicanálise surgem algumas discussões em torno da questão da falência da função paterna, que deixa de operar como um referencial simbólico estável e fundante da Lei. Para analisar a manifestação de violência na juventude especialmente no interior de um de grupo social, a noção de fraternidade é um balizador importante para repensar a configuração societária contemporânea. Freud em Totem Tabu (1913) ressalta que

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta de Psicologia na Universidade Federal de Ouro Preto. Doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa para a Infância e Adolescência Contemporâneas NIPIAC/UFRJ. [claudiabragaandrade@gmail.com](mailto:claudiabragaandrade@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduando em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. Concluiu uma pesquisa pelo Programa de Iniciação Científica PIP- UFOP no Projeto Juventude e laços sociais: um estudo sobre novas formas de subjetivação (2013/2014). Bolsista CNPq PIBIC-AF no Projeto Juventude, laços Sociais e processos de subjetivação: um estudo sobre as repúblicas estudantis (2014/2015). [tazsene@gmail.com](mailto:tazsene@gmail.com)

as funções paterna e fraterna são fundamentais à constituição subjetiva operada na trama social. A fraternidade vai funcionar como o espaço ético para a formação de laços sociais.

Nossa investigação procurou analisar como a função fraterna aparece na dinâmica das relações dentro de um grupo social de jovens, uma vez que constatamos o fato de que os laços sociais não têm funcionado como um fator de regulação da violência.

#### *Das Republicas como um 'grupo social'*

Na cidade de Ouro Preto/Minas Gerais/Brasil encontramos uma modalidade singular de formação de grupo nas moradias estudantis, nomeadas republicas. Uma das características centrais desta organização são os princípios de *autogestão*, *autonomia* e *cooperação*. Atualmente existem cinquenta e oito Repúblicas Federais espalhadas pela cidade de Ouro Preto com capacidade de acolher 769 estudantes, diversificando-se em número de acomodação. Ainda que existam moradias mistas, em grande parte estas repúblicas se constituem por sujeitos do mesmo gênero. Estas repúblicas se diferenciam das demais moradias estudantis, se nomeiam como um 'grupo social' que mantém uma autonomia de gestão administrativa em relação à universidade e pretendem funcionar como uma formação educacional informal e paralela ao ensino universitário. As Repúblicas de Ouro Preto não focam a escolha do sujeito que pretende adentrar ao grupo sobre perspectiva financeira ou social do pretendente, a seleção dos novos moradores considera a possibilidade de trocas de capitais culturais e sociais (Machado, 2012), o que nos leva a perceber uma seleção que prioriza as relações a serem mantidas dentro deste grupo.

#### *Das relações internas das republicas*

Cada republica segue um regimento interno elaborado pelos próprios moradores que estabelecem as normas de funcionamento da casa. O compartilhamento destas práticas contribui para alimentar e moldar características que a distinguem e estimulam a identidade de grupo expressa através de símbolos tais como, nome, bandeira, placa, hino ou rezas que evocados constantemente favorecem a construção de um vocabulário próprio.

A base de organização deste grupo é a hierarquia, compreendida como um valor em si pedagógico. Ainda que existam particularidades, pensando em uma pirâmide hierárquica, teríamos o seguinte formato; na sua base os bixos, alunos recém chegados que tentam vaga na casa; em seguida os semi-bixos, que estão quase concluindo seu período de aprovação para efetivarem-se como moradores, e por isso se incumbem de passar as lições aos mais novos; posteriormente moradores mais novos; moradores mais antigos, decano, e finalmente os ex-moradores. Os ex-moradores possuem voz ativa dentro de suas ex-moradias, “ (...) são

considerados, pelos estudantes, como irmãos anciões sendo agraciados com inúmeras homenagens e recebidos com muita festa quando para lá retornam. Os irmãos anciões, por sua vez, valorizam os bons cuidados com a casa pelos seus “sucessores”, realizando muitas vezes contribuições financeiras para maiores investimentos no “patrimônio da família” (Moraes e Miranda, 2006, p. 6).

A manutenção do laço com ex-moradores estimula a continuidade e a identidade deste grupo que organizado sob uma estrutura hierárquica e circular, reordenam os postos com o tempo. A saída de um morador (por ocasião da conclusão do curso) significa um novo nome no comando hierárquico e um novo “bixo” na república.

#### *Da batalha de inserção no grupo*

O ponto nodal desta organização é denominado de ‘batalha de vagas’, uma seleção dos possíveis candidatos a fazer parte daquele grupo social. Nesta ‘batalha’, o candidato passa a ser chamado de ‘bixo’ e deve cumprir uma espécie de estágio probatório no qual ocupará uma posição submissa perante aos demais moradores. Esta etapa tem duração média de um a dois semestres. O significado da ‘batalha’ é descrito da seguinte forma: o pretendente a morador, que geralmente são calouros, precisa conviver intensamente com os moradores através do contato diário, demonstrando que possui habilidades e honrabilidade suficientes para fazer parte do grupo pretendido. “(...)a gente que controla quem entra na casa (...) controla quem pode ficar.” (República Sinagoga, 2013). Nestes depoimentos podemos notar como este significante ‘batalha’ é especialmente valorizado na organização deste grupo.

Conquistar o status de morador em uma república simboliza a conclusão de um percurso de testes e provações, bem como os desafios que virão a se apresentar durante a vida adulta e profissional. A vida comunitária foi assim expressa por um republicano: “(...) a casa é regida por meio hierarquico. A hierarquia é a medida do tempo que você está dentro da casa.(...) A medida que você vai subindo na hierarquia, suas atividades ficam menos braçais e cada vez mais em questões relacionadas a maior responsabilidade na casa” (Globo Universidade, 2013). Já o sentimento de responsabilidade dentro deste grupo é expresso nas seguintes falas: “Aqui é uma família né! Como toda família tem o puxão de orelha (...) cada um é responsável por todo mundo aqui” (República Nau Sem Rumo, 2013).

Explorando o processo de batalha ao qual estes jovens se propõem, vemos a proximidade com o referencial da ideia de guerra e combate como um estado permanente no cotidiano. Segundo, Negri e Hardt (2004) houve uma mudança da natureza da guerra hoje

em dia, verificada no emprego corrente do conceito de guerra no fim do século XX, quando metáforas da guerra são aplicadas a formas de competição e a relações de força em geral. Aqui o uso destas metáforas se apresenta tanto durante o processo de entrada do sujeito ao grupo, quanto em sua saída quando precisa “enfrentar” um mercado de trabalho inicialmente desconhecido.

Durante o período da batalha, o bixo é avaliado em inúmeras situações, desde sua relação com os moradores à sua dedicação com a casa e o cumprimento de suas obrigações, que se estendem à participação em sociais (festas que acontecem geralmente entre repúblicas femininas e masculinas, tendo como objetivo afirmar a amizade entre estas ou sendo apenas, pretexto para se conhecerem) e rocks (festas onde geralmente contrata-se bandas e reúne-se um maior número de pessoas com o objetivo de comemorar algo ou apenas sociabilizar).

#### *Da vida em republica*

A ritualização da batalha de vagas é necessária para o ingresso na vida republicana com sua nova identidade. Os laços sociais no grupo são construídos em semelhança com laços familiares. Todos aqueles aceitos no grupo são batizados com um novo nome, pelo qual responderão durante todo seu percurso universitário, bem como após sua formação sempre que retornarem a república. A estrutura hierárquica de base familiar valoriza os indivíduos mais antigos.

A invocação deste grupo como família é constante nas falas dos republicanos: “(...) querendo ou não, todos aqui vieram de outra cidade e acaba que vira uma grande família (...)” (Entre trotes e batalhas, 2014); “(...) uma das coisas responsáveis de eu estar aqui hoje em Ouro Preto é a república, por que foi o que me acolheu e que me trouxe uma família mesmo, que na hora que eu precisei, tinha alguém ali ao meu lado conversando (...)” (República Nau Sem Rumo, 2013); “(...) família é diferente família... os amigos da minha cidade! É diferente daqui, aqui é como se fossemos irmãos mesmo! (...)” (Repúblicas de Ouro Preto, 2006); “(...) grandes amigos, verdadeiros irmãos (...)” (Antenor, 2013). Esta invocação constante ao ideal de família e as associações às quais o uso deste ideal familiar acarreta aproximam ainda mais os sujeitos e estimulam a perpetuação da relação entre os pertencentes ao grupo, mesmo depois de sua formação.

Nos rituais e no discurso dos jovens aparece uma trama social que nos remete a formação da sociedade fraterna. No mito da Horda Primeva, Freud pontua a marca da constituição da subjetividade e da civilização, quando o pai despótico e sem compromisso com qualquer regulação que não fosse sua própria vontade, seria assassinado pelos filhos

homens, deixando vago o lugar da lei, que doravante seria ocupado por uma marca introjetada e que se faria efetiva por meio de representantes transitórios. Todos, sem exceção, estariam submetidos a essa lei impalpável, uma transcendência inalcançável e soberana sobre os viventes.

Freud (1913) ressalta que as funções paterna e fraterna são fundamentais à constituição subjetiva operada na trama social. A fraternidade vai funcionar como o espaço ético para a formação de laços sociais. Em “Totem Tabu”, Freud (1913), apresenta o mito fundador da civilização. A morte do pai executada pelos filhos funda uma nova horda na qual se instaura a sociedade fraterna organizada em torno da legitimação da Lei e da função paterna. O vínculo social entre os irmãos se constitui com base na identificação. Na fraternidade, a inveja, o ciúme e agressividade fazem parte da base afetiva. A renúncia coletiva ao lugar de pleno poder (do pai) e a necessidade de controlar a rivalidade fraterna permite a organização do sentido de justiça.

#### *Da violência na constituição dos laços sociais*

Nossa investigação se direciona a discussão de como a função fraterna aparece na dinâmica das relações dentro de um grupo social de jovens, quando os laços sociais não funcionam como um fator de regulação da violência. Cabe ressaltar que algumas diferenças nas modalidades da violência são possíveis de serem distinguidas no campo da psicanálise.

Costa (1986) realça que uma diferença fundamental pode ser demarcada entre a violência e a agressividade. A violência está situada no tipo de ação destrutiva que embora irracional porta a marca de um desejo. Para ele “a violência é o emprego desejado da agressividade, com fins destrutivos. Esse desejo pode ser voluntário, deliberado, racional e consciente, ou pode ser inconsciente, involuntário e irracional”(1986, p. 30). Na violência a ação é traduzida como violenta pela vítima, pelo agente ou pelo observador. Nesta formulação, está evidente o componente subjetivo do comportamento violento, assim como sua relação com a intencionalidade de negação e destruição do outro. Neste sentido, o ato violento se relaciona ao emprego deliberado da agressividade e sua característica marcante é o desejo de causar mal, humilhar, fazer sofrer o outro. Como desenvolve Freud em “Mal-estar na civilização”, “o próximo não é somente um possível auxiliar e objeto sexual, mas uma tentação para satisfazer nele a agressão explorar sua força de trabalho sem recompensá-lo, usá-lo sexualmente sem seu consentimento, despojá-lo de seu patrimônio, humilhá-lo, infligir-lhe dores, martirizá-lo e assassiná-lo” (1930, p.108). Já a agressividade inscreve-se na constituição da subjetividade, que como afirma Lacan “se manifesta em uma experiência que é subjetiva por sua própria constituição” (1948, p.105).

Segundo Birman (2009), a leitura de Lacan permite supor na existência de diferentes formas de violência na subjetividade, uma polarização entre os efeitos mortíferos e os estruturantes da subjetividade. Duas modalidades de violência: aquela que funda a lei e impõe um limite a força originária, possibilitando a constituição de laços sociais; e aquela onde a fragilidade da instância do poder não consegue se contrapor como força à violência originária.

No campo da sociologia, destacamos uma interessante contribuição proposta por Pierre Bourdieu (1974) em *Economia das trocas simbólicas*. O autor propõe uma distinção entre violência simbólica e violência real. A violência simbólica define um conjunto de códigos simbólicos que funda a cultura instituída pelo poder, define uma medida para se opor à violência real que constitui um código comum tornando possível que os laços sociais sejam forjados. Já a violência real promove uma descontinuidade, uma ruptura com a ordem simbólica delineada no contexto de uma dada tradição cultural. Conforme destaca Birman (2009), o conceito de violência simbólica desenvolvido por Bourdieu indica as dimensões constitutivas dos sujeitos e dos laços sociais, produzidos pela violência simbólica.

A ideia de que a violência implanta a ordem da lei e do direito e a possibilidade de construção do laço social é uma tese que permite uma conexão entre a psicanálise e as ciências sociais. Fazendo um paralelo com a psicanálise, a ordem simbólica é o polo fundamental de alteridade que funda o psiquismo no registro da representação contrapondo-se a anarquia e a insistência por descarga das forças pulsionais. Na obra freudiana, algumas passagens sinalizam a ideia de que a própria construção de laços sociais pode funcionar como um regulador da violência originária. Em “Psicologia de grupo e análise do ego” (1921) ao desfazer a oposição entre a psicologia individual e das massas, Freud ressalta que poucas são as ocasiões que o indivíduo pode prescindir do vínculo com os outros e que este outro está sempre presente em sua vida psíquica “como modelo, como objeto, como auxiliar e como inimigo” (Freud, 1921, p.67). Na construção do mito de “Totem e Tabu” (1913), Freud trabalha com a ideia de que a violência simbólica introduz um limite a força bruta. A morte do pai da horda primitiva seria fundadora da sociedade propriamente dita. Os irmãos, mais frágeis, permitem impor um limite à violência absoluta da figura do pai primordial. Esta violência que pode impor um limite à violência real constitui um código de ética. A tese freudiana é que o uso do poder pode ser feito através das leis. A união dos grupos pode garantir a manutenção de uma comunidade, mas a violência sempre é o pano de fundo dessa manutenção (Freud, 1933).

Ainda que se defendam as práticas republicanas como sendo instrutivas e pedagógicas, muitas das punições que se apresentam, atentam contra o sujeito de maneira

violenta, seja no corte de cabelo, com o vento (ao bagunçar seu quarto), na baldada (quando o sujeito recebe um banho de água gelada durante a noite) ou pelo varal (quando sua roupa é espalhada).

Dentro das repúblicas temos a presença de alguns reguladores normativos como o Estatuto das Repúblicas Federais, que estimula uma conduta compatível com a ética e a dignidade humana bem como o respeito aos direitos individuais do sujeito. Submetendo-se a este estatuto, existem os Regimentos Internos os quais destacamos serem elaborados e aplicados pelos moradores através de seu poder de autogestão. Nota-se nestes regimentos, a presença de um artigo que os deixa livres para adotarem mediante Assembleia de Moradores, as normas complementares que não estiverem contempladas no documento, incluindo, desta forma, uma excepcionalidade a regra comum.

Na prática dos rituais das republicas houveram algumas ocorrências de signos de excesso e mal-estar, expressos no caso da morte de dois estudantes no ano de 2012, decorrente do abuso de consumo de álcool e drogas depois de uma comemoração ritualística em que seria modificado seu status de bicho, para morador da república. Outro caso em discussão atualmente é o aumento de denúncia de garotas sexualmente abusadas nos encontros entre repúblicas masculinas e femininas, os chamados sociais, que tem como objetivo, o estreitamento de laços entre os sujeitos das repúblicas participantes.

#### *Dos laços fraternos em estados de exceção*

Os laços com o grupo promovem a identificação entre seus membros, no entanto, nem sempre os laços sociais funcionam como regulação da violência. Os trotes e o ritual para entrada de um novo membro na casa parecem remeter a territórios onde a regulação parece ter retornado ao tempo primitivo, anterior ao seu efeito organizador. Remetem a contextos onde a lei não é normatizada, mas se apresenta como ponto de exceção. Neste caso a lei não está submetida à sua própria regulação. Aparece como despótica e caprichosa, submetendo todos a uma servidão voluntária.

Essa situação despótica, apesar de comprometer a cidadania dos que estão submetidos a sua lei, tem um efeito organizador. Para que algum tipo de regulação se faça presente e o caos não impere, é necessário a nomeação de um ponto de impossibilidade, nome este que vai passar a balizar e normatizar as relações, propiciando que o campo da realidade se constitua. Portanto, a lei corporificaria-se como ponto de exceção, sem estar submetida à sua própria regulação, que seriam um modo de funcionamento da nossa contemporaneidade (Agamben, 2004).

## Bibliografía:

Agamben, Giorgio (2004). *Estado de Exceção*. São Paulo. Boitempo.

Bauman, Zygmunt. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar.

Bourdieu, Pierre. (1974). *Economia das trocas simbólicas*. São Paulo. Perspectiva.

Birman, Joel. (2009). *Cadernos sobre o mal*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira.

Costa, Jurandir F. (1986). *Violência e psicanálise*. Rio de Janeiro. Graal.

Freud, Sigmund. (1976). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Edição standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. Totem e tabu (1913), vol. XIII. pp. 13-198.

\_\_\_\_\_. Psicologia de grupo e análise do ego (1921) vol. XVIII. pp. 89-182.

\_\_\_\_\_. Mal estar na civilização (1930) vol. XXI. pp. 15-174.

\_\_\_\_\_. Por que a guerra? (1933) (Einstein e Freud), vol. XXII. pp. 237-262.

Hardt, Michael. e Negri, Antonio. (2004) *Multidão. Guerra e democracia na era do Império*. Rio de Janeiro: Record.

Kehl, Maria Rita. (2011) A juventude como sintoma da cultura. In: Novaes R. e Vannuchi, P. (orgs) *Juventude e Sociedade*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo. pp. 89-114.

Lacan, Jacques. (1948) A agressividade em psicanálise. In: *Escritos* (1998). pp. 104-126). Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor.

Machado, Otavio L. (2012). *Repúblicas estudantis de Ouro Preto: percursos e expectativas*. Olinda. Livro Rápido.

Moraes, Claudia C. A. e Miranda, Bruna. P. (2011, julho). *Repúblicas Estudantis: a tradição como potencialidade turística em Ouro Preto*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo.

## Áudio Visual

Antenor Rodrigues Barbosa [ex-morador] (2013). *Habitar Habitat* [vídeo documentário].

Recuperado em 23 de dezembro de 2013, de

<https://www.youtube.com/watch?v=z7Q5-VPcp0s>

Entre trotes e batalhas (2014) [entrevista]. Recuperado em 11 de maio de 2014, de

[https://www.youtube.com/watch?v=TTp\\_j\\_k62dw](https://www.youtube.com/watch?v=TTp_j_k62dw).

Globo Universidade *Conheça como é regida uma república estudantil globo tv* (Abril, 2013)

[Reportagem]. Recuperado em 23 de abril de dezembro de 2013, de

<https://www.youtube.com/watch?v=CSZf0UeLRYA>

República Nau Sem Rumo (2013). *Habitar Habitat* [vídeo documentário]. Recuperado em

13 de maio de 2013, de <http://www.youtube.com/watch?v=JAwuFIRF6QY>

Repúblicas de Ouro Preto (2006) In [Documentário] *DUAS Repúblicas- Nau Sem Rumo e*

*Bico Doce*. Direção: Dante Cançado e Salomão Terra. Produção: Elizabeth Zuim e

Marcela Matias. Edição: Raquel Alvarez e Ana Flávia Castro. Ouro Preto.

Recuperado em 23 de dezembro de 2013, de

<http://www.youtube.com/watch?v=8cGcf8dDqio>

República Sinagoga (2013). *Habitar Habitat* [vídeo documentário]. Recuperado em 11 de

novembro de 2013, de <https://www.youtube.com/watch?v=LWkXMIEVejw>